

# SANDRA CRIVELLARO

Portfólio - fevereiro/2024



## Sandra Crivellaro

1975, São Paulo, vive e trabalha em Brasília

No universo pictórico de Sandra Crivellaro, a paisagem e a relação com o espaço dos lugares no qual viveu ou vive em seu cotidiano, permite explorar a pintura não apenas como técnica de figuração expressiva, mas busca refletir sobre a própria especificidade do meio, principalmente no que diz respeito à sua materialidade e função representativa na tradição artística.

Seu processo artístico se baseia na simplificação e decodificação de formas da paisagem captadas pelo seu olhar, buscando a essência dos elementos que formam essa paisagem. Em suas pinturas, existe uma racionalidade arquitetônica que organiza esses elementos compositivos a fim de transmitir a impressão de uma figuração dos espaços, permeada pela temporalidade. A cor faz a obra acontecer, e propõe ao expectador uma experiência de vagar, uma suspensão da existência corriqueira das coisas, tendo como contraponto a realidade de vivermos em uma era extremamente acelerada.

Suas obras são feitas com base em observações encontradas no ambiente e no processo da pintura. “Sinto-me atraída pelas sutilezas da paisagem e qualidades formais encontradas em seus padrões, formas e fontes



Foto: Acervo pessoal

de luz e sombras nas quais construo esses espaços através da cor e da forma.”

Arquiteta e Urbanista formada pela FAU-USP, e Visual Designer pela Scuola Politécnica di Milano, Itália, e em 2020 iniciou a sua carreira como artista visual.

Nasceu em São Paulo, já morou em Milão, Santiago e Madri e atualmente vive e trabalha em Brasília. Participou de sua primeira Residência Artística no Vila-rejo 21, Brasília, com acompanhamento crítico de Marília Panitz. (maio-júlio/2023), selecionada Ateliê de canto do BSB Plano das Artes, Distrito Aberto, 3a edição, 2021, fez acompanhamento artístico com a curadora Júlia Deméter e integra o Acervo Rotativo com curadoria de Laerte Ramos.

2024  
**Espaço Cultural Renato Russo**  
Formas de Capturar o Tempo,  
Brasília, DF



SÉRIE: INSTANTES

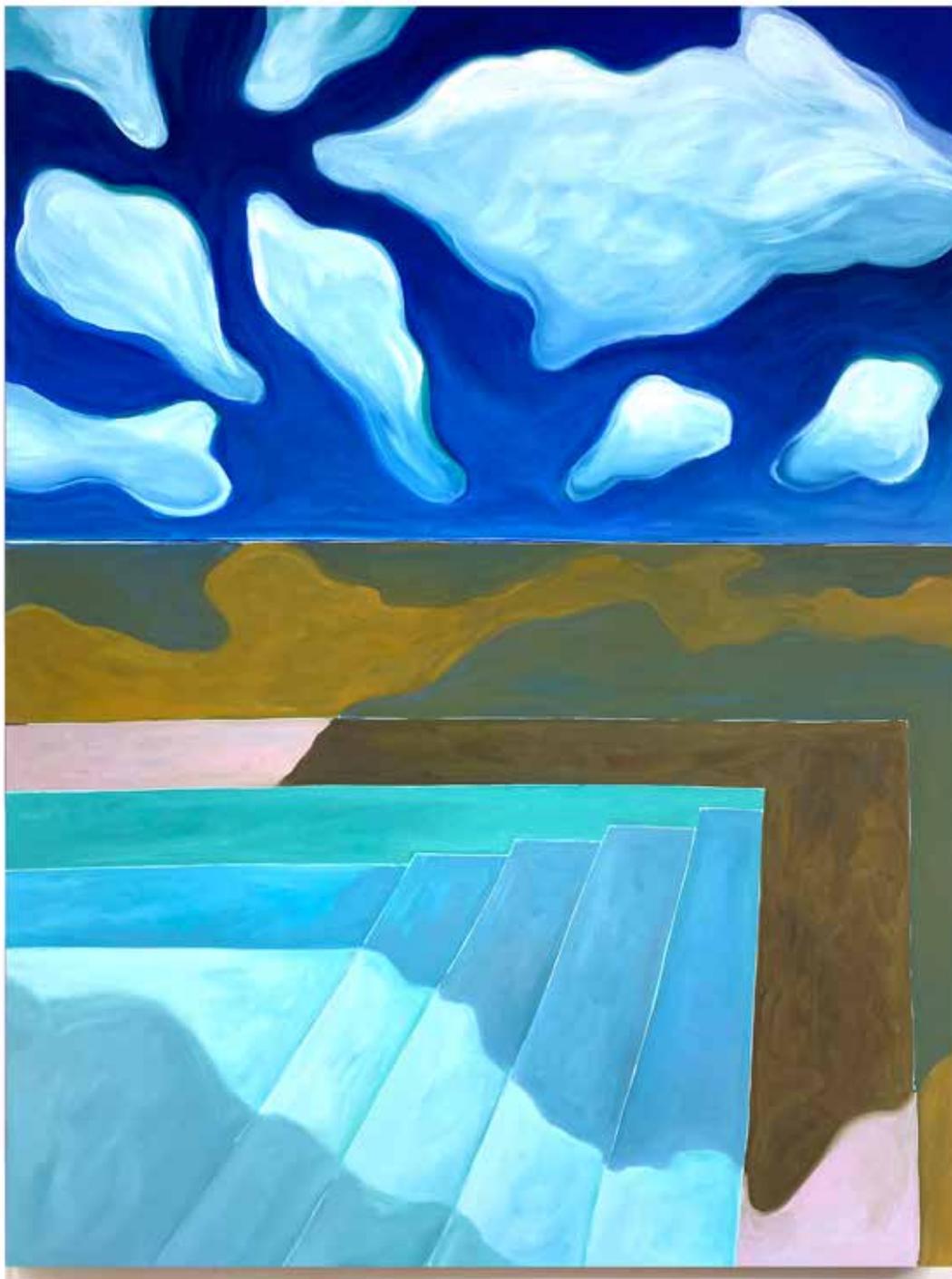




Sandra Crivellaro,  
Série Instantes,  
*Sem título* ,  
Óleo sobre tela,  
130X100 cm,  
2023.



Sandra Crivellaro,  
Série Instantes,  
*Sem título* ,  
Óleo sobre tela,  
130X100 cm,  
2023.



Sandra Crivellaro,  
Série Instantes,  
*Sem título* ,  
Óleo sobre tela,  
130X100 cm,  
2023.

**2024**  
**Espaço Cultural Renato Russo**  
Formas de Capturar o Tempo,  
Brasília, DF



### **SÉRIE: SOMBRAS**

Na série Sombras tenho estado especialmente interessada em como a arquitetura se relaciona com a natureza, a abstração e a pintura.

Os elementos tem uma função formal, sejam eles orgânicos ou geométricos, ocupam uma função dentro da dinâmica da obra.

A escolha e interação entre as cores cria a atmosfera dentro do trabalho.



Sandra Crivellaro, *Série Sombras, Vermelho*, óleo sobre tela, 25 x 30 cm, 2023.



Sandra Crivellaro, Série Sombras, Cyan, óleo sobre tela, 25 x 30 cm, 2023.



Sandra Crivellaro, Série Sombras, Verde, óleo sobre tela, 25 x 30 cm, 2023.

## SÉRIE: FRAGMENTOS URBANOS

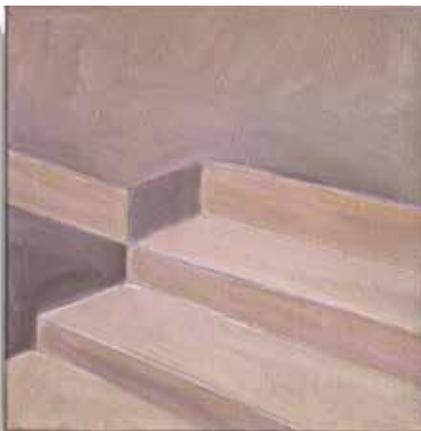
A série Fragmentos Urbanos é uma experiência demundo que passa pela relação com a cor.

São pequenos fragmentos da cidade criados a partir da construção lógica fundamental da arquitetura urbana, abrangendo uma paleta que vai desde os amarelos e cinzas até os vermelhos, lilases, verdes e azuis.

Esses fragmentos delineiam a passagem do tempo ao longo do dia, do amanhecer ao anoitecer, proporcionando paisagens que convidam a refletir sobre nossa própria existência no tempo e espaço.



**2024**  
**Espaço Cultural Renato Russo**  
Formas de Capturar o Tempo,  
Brasília, DF



1. Nascer do Sol, 2. Manhã, 3. Entardecer,  
4. Por do sol, 5. Anoitecer, 6. Noite, 7. Madrugada

Sandra Crivellaro, *Série Fragmentos Urbanos*, óleo sobre tela, (aqui 7 telas, num total de 21), 25 x 25 cm cada , 2023.

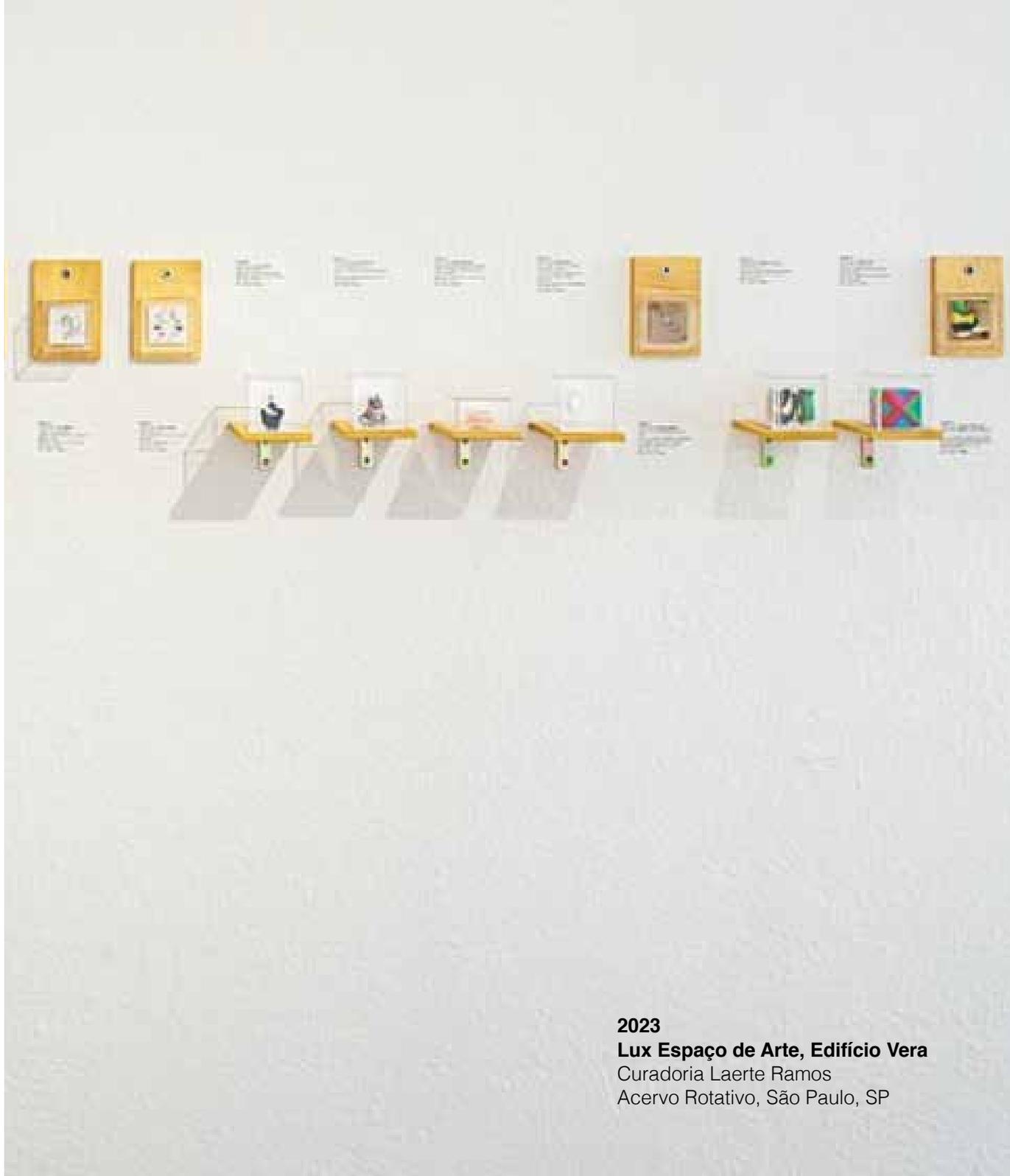
## UM OUTRO LUGAR

Série de obras que foram feitas a partir de fragmentos de formas da natureza, de diversas paisagens, captadas pelo meu olhar, e reorganizadas em diferentes posições, construindo minhas próprias “paisagens”. Cada série foi feita em diferente formato, técnica e material.





**NR 0333-A**  
**Artista / artist: SANDRA CRIVELLARO**  
**Título / title: Fragmentos de outros olhares**  
(1)  
**Técnica / technique: colagem com pinturas em aquarela e guache sobre papel Paraná**  
**Dimensões / dimensions: 5 x 5 cm**  
**Ano / year: 2023**  
**País / country: BRASIL**



**2023**  
**Lux Espaço de Arte, Edifício Vera**  
Curadoria Laerte Ramos  
Acervo Rotativo, São Paulo, SP

**2023**  
**Galeria deCurators,**  
Curadoria Marília Panitz  
Formatos Mínimos, Brasília, DF





Foto: Maisa Coutinho

Sandra Crivellaro, *Fragmentos*, impressão em vinil sobre acrílico, 15 x15,7x 7,2 cm, 2023.



Sandra Crivellaro, *Fragmentos de um outro lugar*, colagem de aquarela sobre papel de algodão 300gr, 14x10 cm (com moldura no tamanho de 21 x14 cm), 2022.



**2023**  
**Casa Galeria ,**  
Curadoria Mônica Tachote  
e Sadra Crivellaro  
Zona Tangível, Brasília, DF

Favor não tocar



## SÉRIE: VENTO

A aparência das coisas vistas através das formações atmosféricas, convidando o espectador a observar o que não se deixa facilmente fixar.

No vento, algo se torna visível, o que é efêmero como nuvens e folhas ao vento, estão no limiar de nossa visão. Fazer dessas pinturas o advento do que está ali e não prestamos atenção.



Sandra Crivellaro,  
Série Vento,  
*Quando a Mata Atlântica  
se mistura com o Cerrado*,  
óleo sobre tela,  
130 x 100 cm,  
2022.



Sandra Crivellaro, Série Vento, *Sem Título*, Óleo sobre tela, 90 x 73 cm cada, 2022.



Sandra Crivellaro,  
*Janela de tempo*,  
óleo sobre tela,  
145 x 115 cm,  
2022.

**PÔR DO SOL  
OS ANOS INICIAIS  
2020-2021**

Nos primeiros trabalhos, o interesse pelos momentos de pôr do sol, que duram minutos e quando tudo muda de cor. Os trabalhos surgem no período em que eu estava já fora do Brasil há 6 anos e sentia-me saudosa do Brasil, da vegetação Brasileira e de minhas origens de estudos em arte, paisagismo dentro do modernismo.



Sandra Crivellaro, *Diptico Sem título*, óleo sobre tela, 73x 60 cm (cada), 2021.

# ÁTIMOS, EXTENSÕES, DESLIZAMENTO: formas de capturar o tempo

Texto de Marília Panitz

*...Os lugares que conhecemos não parecem tampouco com o mundo do espaço, onde os situamos para maior facilidade. (...) As casas, os caminhos, as avenidas, infelizmente são fugidios, como os anos.*

Marcel Proust, Em busca do tempo perdido

A forma (fórmula) de capturar o tempo por excelência é a memória. E seu compartilhamento é antes de tudo verbal (é claro, se não pensarmos nas imagens oníricas). Através dos tempos, o engenho da humanidade foi criando outras formas de plasmar a lembrança (ou de parar o tempo): o desenho, a pintura que capturava tantos detalhes – as cores, a luz, a ambiência, a imaginação – como os relatos orais também buscavam fazer, sem o recurso da imagem. Quando surge a fotografia, sucedida pelo cinema e pelo vídeo, sua atribuição (ilusão) é a da exatidão, da realidade fielmente reproduzida no suporte pela luz, como documento. Mas... o enquadramento, os destaques e encobrimentos e, especialmente, a montagem, desmentem esse estatuto... E assim seguimos buscando maneiras de fugirmos do esquecimento, pela narrativa, a documentação, um certo gosto ou cheiro, algum vestígio.

Em nossa conversa em seu ateliê, Sandra Crivellaro me apresenta um conjunto de trabalhos que pretende exibir como um gesto (um método?) de captura do tempo. “Eu me despeço demais”, ela me diz. Deixo meus olhos passearem pela superfície das pinturas, já contaminada por esta nomeação da artista. As imagens talvez sejam uma reconstrução de algo que deixou seus restos, que se impôs como referência, que se imiscui no presente e no local onde ela produz suas obras. São recordações, são projeções, são

atuais. Mas estas obras de agora apresentam-se quase abstratas. O que sugerem de outros tempos, outros lugares? Ou o que evocam deste aqui-agora concretizado para que se apresente ao depois? Talvez, uma atmosfera...

Sua vida tem a circunstância do nomadismo, o que sem dúvida traz a consciência da efemeridade. Sua trajetória em pintura é recente – em seu portfólio vejo obras que se iniciam em 2020 –, embora ela já venha lidando com a produção e leitura de imagens há muito tempo. Possivelmente, elas tenham entrado em sua vida como recurso, como âncora levada para aportar diferentes latitudes, para falar de novos horizontes (que serão incorporados à experiência, muitas vezes quando não mais se apresentam ao olhar).

Sua formação é em arquitetura e sua prática vem do design gráfico exercido por vários anos em diferentes periódicos e na estamperia. Mas é a paixão pela pintura – desenvolvida em museus mundo afora, então como observadora e estudiosa – que proporciona um desvio de percurso que nos traz a artista que conhecemos. Seu encontro com o modernismo brasileiro, em especial com Tarsila do Amaral, orientada pelo mestre Léger, a convida a explorar a superfície da tela. Essa marca aparece em suas primeiras séries: uma forma de retratar a paisagem sem o desprezo pela geometria, mas ainda sustentando certa gestualidade, que opta preferencialmente pelas curvas e por

campos de cor bem definidos (que quase nos fazem adivinhar um contorno). Algo que emula uma composição por colagem de recortes coloridos, também presente na produção de outros artistas brasileiros ao longo do tempo, de Burle Marx – citado por ela em um dos títulos de seus primeiros quadros – à obra contemporânea de Luiz Zerbini, Paulo Pasta ou Gisele Camargo.

Talvez a mais abstrata de suas séries seja VENTO (esta, com algumas telas presentes na mostra), na qual Sandra parece sujeitar toda a paisagem ao movimento de nuvens ou de plantas com caules frágeis levados pela brisa, ou mesmo da poeira que se levanta do chão quando venta. Tudo está em movimento, mas capturado em um átimo de tempo, traz formas que, embora lidas como voláteis, são bem definidas (como em toda a pintura da artista). São obras que realizam o que ela chama de “instantâneos de folhagens”.

A escolha da obra que abre a mostra – uma grande tela de 2021, cujo nome é JANELA DO TEMPO – nos dá a noção do caminho percorrido pela artista. Paisagem estruturada com linha do horizonte que divide um céu colorido muito particular e a terra com uma serra ao fundo, um lago e, no primeiro plano, a vegetação tropical com contornos desenhados em outra cor, muito gráficos, tirando delas todo volume que o restante do quadro emula. É uma declaração de objeto de pesquisa da autora. Estão aí o tratamento das formas (um caráter subversivo na representação das coisas do mundo, onde pode haver a fluidez nos terrenos pedregosos e uma opacidade nos tons das nuvens) e uma paleta que se mantém nas diversas experiências formais ou de representação, tons que tendem a ser menos saturados, nunca muito quentes, mesmo no uso de vermelhos e amarelos. Esta é uma obra que nos introduz ao universo que exploramos no espaço expositivo.

Se os trabalhos iniciais apresentam certo bucolismo associado à ideia de origem, de nacionalidade de uma (quase) sempre estrangeira, sua volta ao Brasil, e especialmente à Brasília, evoca outros elementos. O panorama urbano recortado em seus detalhes que quase o torna abstrato, configura a natureza como inscrição de luz e sombra sobre as superfícies das edificações.

Esta é a série SOMBRAS, composta de seis quadros: o orgânico imiscui-se nas linhas ortogonais da cidade, uma tatuagem passageira, discreta...

Já o políptico FRAGMENTOS URBANOS – cuja versão completa tem 21 telas (de 25x25 cm) – é concebido para ser montado em formatos variáveis, mas que mantêm a regra de fazer uma passagem de tons que acompanhem a luz de um dia – nascer do sol, manhã, tarde, pôr do sol, anoitecer, noite e madrugada (precedendo o início do ciclo). Dos amarelos (tão raros em seu trabalho) aos azuis quase negros (estes inexistentes em sua paleta), ela compõe recortes muito fechados da malha urbana. Vistas isoladas, as telas podem sugerir abstrações geométricas. Já em conjunto, compondo uma sentença visual, apresentam uma visão dos espaços anônimos da capital modernista com suas superfícies predominantemente brancas, cinzas e cor de concreto, incorporando as diferentes tonalidades da luz de um dia...ou outro.

INSTANTES, seu trabalho mais recente – 4 grandes telas – experimenta, de forma mais radical, este efeito que a vizinhança (interpenetração de fato) entre as edificações e a farta vegetação do plano piloto da cidade nova provoca. Alimenta-se dos exercícios das duas séries anteriores, e expõe, em grande formato (que nos acolhe e nos captura/absorve), a ausência de limite das aproximações. Os campos se atravessam e, para isso, a artista muitas vezes usa o recurso da transparência. Em cada um deles há uma predominância tonal: vermelhos, verdes, azuis e rosas. Sugerem um olhar sobre este lugar (fugidio, para uma viajante do tempo e do espaço) que faz lembrar a personagem proustiana de Em Busca do tempo Perdido, afirmando que “A maior parte da nossa memória está fora de nós, numa viração da chuva num cheiro de quarto fechado ou no cheiro da primeira labareda. (...) Fora de nós? Em nós, para melhor dizer, mas oculta a nossos próprios olhares”. É o que Proust chama de “memória involuntária”, esta produtora de outras imagens.

Aprendemos com Sandra Crivellaro que capturar o tempo é reinventar os momentos e lugares usando, como matéria prima, os restos que conseguimos guardar. Essa é a poesia da memória.

# CV

## Formação Acadêmica

**1994-1999**

**Graduação Arquitetura e Urbanismo** - *Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Universidade de São Paulo FAU-USP*, São Paulo

## Pós- Graduação

**2019 - 2020**

**Master Universitário de investigação em Artes** - Visitante em quatro disciplinas da academia de Bellas Artes da *Universidad Complutense de Madrid*, Madri, Espanha

**1999 - 2000**

**Master di Visual Design** - *Scuola Politecnica di Milano*, Milão, Itália

## Residência e grupos de estudos

**2023**

Residência “Formatos Mínimos”, no Vilarajo 21, Brasília/DF, com curadoria de Marília Panitz -maio/ junho/julho

Acompanhamento individual para artista com Júlia Demeter/SP

**2022**

Acompanhamento de artistas em grupo com Júlie Belfer/ SP, agosto a dezembro

Acompanhamento Crítico com Pedro Caetano Eboli na **Casa da Escada Colorida**, RJ, fevereiro a maio

**2018 - 2020**

Curso de História da Arte nos **Museus do Prado, Thyssen-bornemisza e Reina Sofia**, com a Professora Margarita Perez Grande, Madri, Espanha

## Exposição Individual

**2024**

**Espaço Cultural Renato Russo** , Formas de Capturar o Tempo, Brasília, DF

## Exposições Coletivas

**2023**

**MAC Sorocaba**, Acervo Rotativo, Sorocaba, SP

**Lux Espaço de Arte, Edifício Vera** , Acervo Rotativo, São Paulo, SP

**Galeria deCurators** , Formatos Mínimos, Brasília, DF

**Casa Galeria** , Zona Tangível, Brasília, DF

**2022**

**Galeria Tato**, De 100 a 1000, SP.

**Casa da Escada Colorida**, Cartografias da impermanência, RJ

**Eixo Arte**, Natureza Intocável, RJ, Virtual

**2021**

**Galeria El clube de las mujeres (in)visibles**, Hotel Only You, Madri, Espanha.



Foto: Acervo pessoal

**e-mail**

[scrivell@gmail.com](mailto:scrivell@gmail.com)

**telefone**

+55 61 9 8300-3591

**site**

[sandracrivellaro.com](http://sandracrivellaro.com)

**instagram**

[@sandracrivellaro\\_](https://www.instagram.com/sandracrivellaro_)